



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ÓRGÃO QUINZENAL DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO IX - Nº 154 - 1ª QUINZENA DE JULHO DE 1998 - R\$ 1,00



Crise capitalista vai minando a economia mundial.

As conseqüências são despejadas sobre as massas com fome e desemprego.

Falência capitalista recoloca dilema revolução ou barbárie

A greve da GM americana é para enfrentar o desemprego

5º Congresso dos Estudantes da USP
4 a 7 de junho de 1998

A polarização se dá em torno da defesa da universidade pública



O eleitoralismo é veneno para as lutas das massas.

Rechacemos a frente eleitoral de colaboração de classes.

Por uma Frente Única Antiimperialista

**Nada de ficar faminto diante das riquezas dos capitalistas!
Todo apoio aos saques!
Pôr abaixo o Plano de Fome e desemprego de FHC!**

GREVE GERAL PARA DERROTAR O PLANO DE FOME DE FHC!



Quinzena de luta do movimento operário

CRESCER A GREVE NA GM

A greve na General Motors, em Flint, Michigan, EUA, que está para completar um mês, já parou as atividades de mais de 142.000 mil trabalhadores em toda a América Latina, onde 26 das 29 fábricas de montagem e quase 90 unidades de peças e motores não podem continuar funcionando por falta de peças essenciais produzidas nas fábricas em greve, o que tem causado prejuízos diários de mais de 65 milhões de dólares para os capitalistas. Essa greve evidencia várias coisas: 1º) quem realmente produz no sistema capitalista é a classe operária; 2º) O grande grau de dependência dos países semicolônias em relação aos países imperialistas; 3º) Por onde deve passar a luta da classe operária, que só através da utilização de seus próprios métodos pode caminhar no sentido de desempenhar o seu papel histórico de força motriz para destruir o sistema (capitalista) que oprime os trabalhadores em toda a parte.

GREVE NA CDHU

Os 1.200 funcionários da CDHU realizaram assembleia para entrar em greve por tempo indeterminado. Eles estão em campanha salarial e rejeitaram as duas propostas oferecidas pela empresa, de 2% de aumento em maio ou 3,15% em duas parcelas.

TRABALHADORES PROTESTAM CONTRA DEMISSÕES

Demitidos da Transpev - empresa terceirizada que presta serviço de compensação de cheques para bancos - fizeram um protesto em frente ao prédio da Federação Nacional dos Bancos (Fenaban). O

objetivo do protesto foi para pressionar a empresa a rever as 91 demissões feitas em represália à paralisação realizada na unidade do Jaguaré. Os funcionários cruzaram os braços para obrigar a empresa a cumprir a convenção coletiva dos bancários e pagar a participação nos lucros ou resultados.

FUNCIONÁRIO FAZ GREVE NA FUNDAÇÃO FLORESTAL

Os 400 funcionários da Fundação Florestal fizeram uma greve de uma semana tendo como objetivo suas reivindicações contidas na pauta da campanha salarial, como 3,21% de reajuste salarial, 5% de aumento real e garantia do nível de emprego, aumento do piso salarial de 297,38 reais para 450 reais. Conseguiram 3,15% de aumento.

QUÍMICO OCUPA FÁBRICA

10 ex-funcionários da Plastome, em São Bernardo, ocuparam a empresa para obrigar os patrões a pagar as verbas rescisórias de 17 demitidos há dois meses. O patrão foi obrigado a pagar na hora.

METALÚRGICO PROTESTA NA OTIS

Metalúrgicos da Otis, em São Bernardo, fizeram um protesto em frente a empresa, que não quer pagar os 40% referentes à multa sobre o FGTS para funcionários que se aposentam.

CONDUTOR PÁRA ELETROBUS

Motoristas e cobradores da Eletrobus decidiram entrar em greve para brigar por melhores condições de trabalho (instalação de banheiros nos terminais) e contra a demissão de 10 cobradores.

TÊXTEIS CRUZAM OS BRAÇOS

Os 270 funcionários da Tinturaria Paulistana entraram em greve para exigir os salários que estavam atrasados, contra o corte do vale-refeição, cesta básica e atraso do vale-transporte.

PORTUÁRIOS DE SANTOS SAÍRAM ÀS RUAS PARA PROTESTAR CONTRA O DESEMPREGO

Aproximadamente 2.000 trabalhadores, representando 19 categorias que atuam no cais, paralisaram suas atividades e fizeram uma passeata no centro da cidade para protestar contra a intenção dos patrões de demitir de 5 a 7 mil dos 12 mil operários que trabalham no Porto.

TRABALHADORES DA CISA CRUZAM OS BRAÇOS

Os metalúrgicos da Cisa Sociedade Eletromecânica, em Guarulhos, cruzaram os braços em protesto contra o atraso no pagamento de parte dos salários, corte do fornecimento do vale-transporte e cesta básica.

PAPELEIROS PARAM POR AUMENTO

Os 312 trabalhadores da Manikraft Indústria de Celulose e Papel Ltda., em Suzano, entraram em greve por aumento real de salário, prêmio de participação nos lucros ou resultados e efetivação de 15 funcionários admitidos em regime temporário.

SERVIDOR PARALISA HOSPITAL EM MINAS

Os funcionários do maior hospital de Minas, o Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) entraram greve exigindo reajuste salarial.

OPERÁRIO PÁRA POR PARTICIPAÇÃO

Os 70 trabalhadores da Rowamet, de Santo André, fizeram uma greve de 24 horas para abrir negociação com a empresa. Eles reivindicam PLR, tiquete-refeição, cesta básica e convênio médico.

BORRACHEIROS CRUZAM OS BRAÇOS NA JOÃO MAGGION

Os 650 operários da João Maggion, indústria de pneus, em Guarulhos, entraram em greve reivindicando reposição da inflação dos últimos 12 meses, 5% de aumento real, participação nos lucros ou resultados e diminuição da jornada de trabalho, além da manutenção de cláusulas sociais. A empresa queria aumentar a jornada de 41 horas semanais para 44. A categoria exige diminuição para 40.

CONDUTOR FAZ GREVE CONTRA O EXCESSO DE HORA-EXTRA

Os 1.120 funcionários da Empresa Brasil Luxo cruzaram os braços para protestar contra o descumprimento da convenção coletiva e o excesso de horas extras. Os motoristas e cobradores estão sendo obrigados a trabalhar entre 12 e 14 horas por dia, quando a convenção da categoria determina jornada de 7 horas e 10 minutos. Além disso, a empresa paga as horas extras por fora, prejudicando os trabalhadores, que não poderão contar com essas horas no cálculo do fundo de garantia e outros direitos trabalhistas.

Nacional



Imperialismo reforça as pressões em favor da reeleição

O quadro eleitoral tem avançado dentro dos marcos traçados pelos prognósticos partidários.

A crise no PMDB é expressão da crise governamental. As dificuldades do governo em responder à situação o desgastam. As reformas estão empacadas no Congresso. A seca leva à fome e aos saques. O desemprego avança mês a mês. A crise econômica mundial é uma ameaça constante à estabilização.

A ala peemedebista pela candidatura própria tem crescido com a queda de FHC e ascenso de Lula nas pesquisas. Evidencia um partido rachado, que tende a se dividir ao redor do apoio ou não ao governo. O conflito que envolveu o diretório nacional e acabou levado à justiça evidencia as poucas possibilidades de acordo entre as facções. Uma parcela do PMDB utiliza a divisão para reivindicar maior participação no futuro governo. A ala oposicionista não tem maior expressão no interior das forças burguesas, que permanecem enfileiradas ao redor da reeleição. Tudo indica que essa tendência deve prevalecer.

A ascensão de Lula levou a uma maior intervenção externa no processo eleitoral. O imperialismo, os organismos internacionais e mesmo o presidente argentino Carlos Menem

se colocaram a criticar a candidatura Lula e a pressionar por uma maior coesão da burguesia brasileira ao redor da candidatura de FHC.

O PT, por sua vez, tratou de se apresentar ainda mais confiável à burguesia. O crescimento eleitoral o fez se colocar quanto às privatizações, rechaçando a defesa da reestatização e aceitando até mesmo aquelas por trás das quais se contrapôs se arrastando em frentes com setores "nacionalistas" da burguesia, como no caso da Cia. Vale do Rio Doce. Esse deslocamento para posições mais à direita terá reflexos sobre as organizações de massa dirigidas pelo reformismo, que passarão a incorporar e expressar essas posições e defendê-las junto aos trabalhadores.

O fundamental é que as eleições expressarão o poder econômico e as ilusões democráticas das massas. Por isso, a tendência é a de que, a partir do início oficial da campanha, o poder econômico influencie com mais força as tendências eleitorais em favor da reeleição.

A aproximação das eleições exercerá uma pressão cada vez mais forte de bloqueio às lutas das massas. De um lado, pela pressão burguesa de que a via de solução está no passivo apertar de botão da urna eletrônica.

De outro, pelo eleitoralismo dominante nas direções do movimento, que levará as direções à caça de votos em detrimento do impulso à ação direta, e sob o pretexto de que a eleição apresentará uma suposta (falsa) alternativa ao neoliberalismo de FHC, e que essa será a via para derrotar o plano neoliberal.

Ao contrário disso, é necessário negar essa tendência. O método para derrotar a ofensiva neoliberal é a luta direta, nacional e unificada de massa. O partido revolucionário deve trabalhar denunciando a farsa da democracia burguesa, defendendo o programa revolucionário e impulsionando a ação direta das massas. Essas premissas elementares da intervenção revolucionária, as quais têm sido negadas pelas correntes de esquerda, são as bases para a ação revolucionária no próximo período.

Nacional



A guerrinha eleitoral

A disputa eleitoral interburguesa é um jogo de demagogia e hipocrisia. As manobras verbais e as acusações mútuas entre os candidatos são dirigidas a convencer os explorados a darem o seu voto. Depois de eleito, o candidato e seu partido desconhecem o que disseram e dirigem o Estado de acordo com os interesses dos exploradores.

Nas últimas eleições, Fernando H. Cardoso (FHC) teve por símbolo os cinco dedos da mão, representando emprego, saúde, educação, segurança e desenvolvimento. Agora, o candidato Lula, com toda razão, denuncia que o programa dos cinco dedos deu no contrário. Tudo piorou. Mas a denúncia não ultrapassa o jogo eleitoral. Objetiva dizer que, se eleito, cumprirá aquilo que foi o programa de FHC.

Os estrategistas da campanha de Lula/Brizola, melhor denominados de marqueteiros, elegeram o desemprego como eixo das denúncias e das promessas. De fato, esse é um problema que esmaga a vida dos explorados. A destruição de postos de trabalho, demissões em massa e aumento gigantesco do exército de desempregados crônicos caracterizam a situação econômico-social do capitalismo. O desemprego de milhões e milhões atua sobre a fome e a miséria já existente e configura uma situação de barbárie. A onda de saques tem sido expressão do nível a que chegou o flagelo da fome.

A essa realidade, o candidato Lula responsabiliza a política econômica de FHC. Bate na tecla das medidas recessivas e no desprezo como tratou a previsível seca do nordeste. Novamente tem razão. Mas novamente com o

objetivo de atrair votos dos miseráveis.

Em meio a esse jogo, Lula resolveu denunciar as falcatruas da venda da Telebras. Brizola aproveitou a brecha e voltou a falar na reestatização da Vale do Rio Doce, mediante indenização dos seus donos. Mas que azar!

Agora foi a vez dos marqueteiros da candidatura de FHC aproveitarem a circunstância. Passaram à ofensiva. Denunciaram o PT de promover o retrocesso. Chamaram a atenção dos grupos econômicos para os riscos da vitória petista. Mostraram que o vice de Lula é quem governará, dando a idéia de que Lula é um boneco.

Nem bem as novas pesquisas mostraram uma pequena recuperação de FHC e os marqueteiros do PT chamaram a atenção para que Lula e Brizola não se metessem com o problema das privatizações. E que era preciso voltar ao tema do desemprego. Chegaram, inclusive, a planejar uma reunião entre Lula e Brizola para unificarem o discurso.

O fundamental foi o esclarecimento de Lula de que não pretende subverter a ordem institucional. Não está de acordo com o Plano Nacional de Privatização, porém pretende respeitar as decisões já tomadas. Enfim, nada de reestatização. Os parasitas que

ganharam a Vale e que ganharão a Telebras podem domir descansados. Com essa mensagem, Lula procurou abafar a polêmica, de maneira a preservar sua posições eleitorais.

Está aí a comprovação do que dissemos na primeira linha desse artigo. Só falta dizer que nem tudo que é dito é hipocrisia. Quando Lula afirma que respeitará a institucionalidade, refere-se à proteção dos interesses da burguesia. Refere-se a que admite as medidas pró-imperialistas tomadas pelo governo neoliberal de FHC.

Ao dirigirem-se aos donos do poder, que são os capitalistas, os candidatos estão obrigados a falar a verdade. É simples de se entender o porquê. Ganhe quem ganhar, seja Lula ou FHC, terá de governar para e com o capital. As massas comparecem nas eleições como força eleitoral, pois constituem a maioria, mas não decidirão sobre a governabilidade. Os capitalistas comparecem como o poder econômico e como real poder político. São a ultraminoria, mas decidirão sobre qualquer governo eleito pela maioria.

Não é por acaso que o PT tem se submetido mais e mais ao poder econômico. Pro-

cura atrair sua confiança. Não está descartado que possa ganhar as eleições, embora não seja o mais provável. Mas está descartado ganhar as eleições e governar para as massas, de forma a resolver o problema do desemprego, da miséria e do desenvolvimento econômico.

Tais soluções só poderão vir com um governo operário e camponês, jamais com um governo burguês, que certamente conformaria Lula/Brizola. O governo das massas é um governo revolucionário. Como tal não sairá de nenhuma eleição, mas sim da revolução proletária.

Os reformistas do PT são adversários da revolução. Apregoam a reforma do capitalismo. Assim, necessitam enganar os trabalhadores, utilizando-se de seus problemas reais, como a fome e a miséria. Cabe-nos rechaçar a mentira e as ilusões propagadas pelo eleitoralismo. Nem governo capitalista neoliberal, nem governo capitalista reformista, que na verdade não fará reformas em favor das massas.

Nossa estratégia é a da luta por um governo operário e camponês, expressão da ditadura do proletariado contra os capitalistas. Nosso método é o da ação direta das massas. Nossa tarefa nas eleições é defender a independência política do proletariado e demais explorados frente ao Estado e aos partidos da burguesia, dentre os quais está o PT e sua fentepopular.

Nacional

PT e democracia partidária

O inconformismo das esquerdas do PT com a falta de democracia partidária é de uma hipocrisia sem limites. As correntes "O Trabalho", "Democracia Socialista"(DS), "Convergência Socialista dos Trabalhadores" (CST) etc. reclamam que a anulação da Convenção do Rio, que decidiu por candidatura própria a governador, é um fraturamento da democracia interna do PT.

Desde quando o PT foi um partido constituído no regime de democracia interna? A expulsão das tendências que bem ou mal questionavam a linha política da Articulação foi o ponto culminante do burocratismo. E as correntes atuais que reclamam da falta de democracia sabem muito bem que colaboraram com o burocratismo da Articulação.

O PT não é um partido baseado na militância consciente e revolucionária, o que quer dizer que não se organiza em torno de

um programa de destruição do capitalismo. É um partido talhado para as eleições e para a política estritamente parlamentar. Não é por acaso que a tática de frente ampla com partidos da burguesia triunfou definitivamente, em detrimento da posição interna das esquerdas em limitá-la. No choque atual em torno da candidatura de Vladimir Palmeira teria de triunfar a tática geral de ampliação da Frente Popular, perante a qual "OT", "DS" e "CST" já haviam capitulado.

O que tem isso a ver com a democracia partidária? Tem a ver no sentido de que o regime de funcionamento do partido depende da natureza do programa e vice-versa. O programa do PT e a tática que o acompanha são de conteúdo burguês. O centralismo burocrático, o federativismo e o oligarquismo são próprios dos partidos patronais.

Sob o federativismo partidário, desenvolveu-se no PT uma falsa democracia, que no início de sua formação foi denominada de "democracia de base". Logo essa "democracia" foi deixada de lado com a implantação dos diretórios e com a política de arregimentação de filiados à base dos poderes municipais, da camarilha parlamentar e da burocracia sindical.

Quem se lembra do PT baseado em núcleos? Talvez uns poucos saudosistas. O mínimo de democracia do PT nascente, quando ainda se discutia o programa e a natureza do partido, foi esmagado pela posição majoritária do reformismo. É preciso que se diga

com a colaboração com as correntes de esquerda que até hoje permanecem fisiologicamente ligada ao frente-populismo e que admitiram a expulsão dos indesejáveis.

A moção assinada pelo "OT", "DS", "Fórum Socialista", "Articulação de Esquerda" e "Força Socialista", questionando a supressão da Convenção do Rio, diz: "A democracia é a base constitutiva de nosso partido". (...) "Estamos pela democracia do PT". A democracia partidária reivindicada é a do federativismo e da caricatura do poder de decisão das bases.

O PT não pode ter democracia interna porque não pode se constituir sob o regime do centralismo democrático. Este é a condição para a elaboração coletiva do programa e da linha política, bem como da unidade na ação. Ocorre que as correntes defensoras da democracia do PT há muito abandonaram, como no caso do "OT" e "DS", a concepção leninista do partido. Assim, utilizam-se da defesa da democracia partidária para as lutas aparelhistas no PT.

Democracia e socorro da justiça burguesa

A anulação da Convenção do Rio contraria o estatuto federativo-burocrático do PT. Estatuto esse feito de acordo com a legislação partidária imposta pelo Estado burguês. Em reunião, depois da Convenção Nacional haver anulado a Convenção do Rio, foi aprovada a proposta de se



impetrar um mandado na Justiça para assegurar a candidatura de Vladimir Palmeira.

Duas posições básicas se contrapuseram: a de entrar na Justiça e a de não entrar na Justiça e pregar o voto nulo em nível estadual. Ganhou a de entrar na Justiça.

As correntes "O Trabalho" e "CST", em nome da legitimidade, se posicionaram a favor de ir à Justiça. Recorrem assim ao Estado para assegurar a tal democracia. Para essas correntes, não vale o princípio de nenhuma regulamentação e nenhuma intervenção do Estado na vida partidária. Vão à procura de um Juiz para sustentar a decisão da Convenção do Rio.

Com essa posição, os esquerdistas do PT se colocaram à direita da proposta de campanha pelo voto nulo para governador.

No Paraná: Apoio do PT a Requião

No Paraná, havia dois concorrentes no PT à candidatura pelo estado. Feita a prévia, venceu o pré-candidato Nedson Micheletti, em detrimento da opositora Milena Martinez. Antes de ocorrer a Convenção para sancionar o nome, o Diretório Regional decidiu não lançar candidatura e apoiar Requião do PMDB. Em comum acordo, Nedson retirou sua candidatura. Ocorre que Lula e sua camarilha fize-

ram um acordo com Requião de apoio mútuo.

O incrível é que as correntes de esquerda ficam gritando por democracia. Fazem apologia de um governo de Lula contra FHC. O caminho correto seria fazer uma rigorosa autocrítica de sua submissão ao reformismo e ao frentepopulismo, ou seja, por terem se afastado do marxismo-leninismo-trotskismo. Amanha vão constituir um outro partido e arrastarão as heranças antimarxistas.

Nacional

O PCdoB no RN e suas políticas de alianças

O PCdoB no Rio Grande do Norte tem desenvolvido uma política espúria de alianças com a burguesia nas eleições. Em 1986, os estalinistas apoiaram para o governo do Estado o usineiro Geraldo Melo, atual senador (PSDB), que foi eleito e teve uma política de ataque às conquistas sociais, aos servidores públicos e de repensão aos movimentos sociais.

Em 1992, fizeram uma aliança eleitoral para concorrer à prefeitura com o PSB (Aldo Tinoco), que depois de eleito passou para o PSDB e, mesmo assim, o PCdoB continuou na gestão da prefeitura. Não rompeu com um prefeito que atacava diretamente os professores e demais servidores municipais. Em 1996, fizeram alianças no interior do Estado com PMDB, PFL etc.

Em Ceará-Mirim (RN), cidade do interior, apoiaram o candidato a prefeito do PFL (Roberto Varela) com o discurso de que precisavam derrotar a oligarquia Melo do senador e usineiro Geraldo Melo, que haviam apoiado em 1986 para governador. Na gestão PFL, são colaboradores do prefeito na aplicação de sua política neoliberal. Na educação, por exemplo, são favoráveis à política oficial de reformas e participaram da elaboração do estatuto dos professores, conjuntamente com o secretário da educação, à reve-

lia da categoria. Estão na direção do sindicato dos servidores municipais, mas nem mesmo convocaram uma assembleia para organizar a luta contra as reformas do prefeito. Participam da administração municipal em diversos cargos de confiança.

A Corrente Proletária atua no Sinte (sindicato dos trabalhadores em educação regional) e tem se posicionado contrário a essa linha do PCdoB, que verbalmente se coloca contra as reformas do ensino, mas na prática não rompe com o prefeito Roberto Varela (PFL).

Em Natal, os estalinistas se identificam no movimento sindical como CSC (Corrente Sindical Classista) e têm desenvolvido uma política claramente oportunista: no Sinte (RN) estão na direção estadual com a Articulação. E são os melhores advogados da política desenvolvida por essa corrente. Nas plenárias e assembleias se limitam a dar informes das deliberações da direção. Atuam como "apêndices" da Articulação, que dirige o Sinte de forma burocrática, antidemocrática e colaboracionista das políticas governistas.

Nos outros sindicatos, atuam ziguezagueando: quando são minoria, defendem a proporcionalidade, como no Sinte. Quando são maioria, são contra a proporcionalidade, como no

caso dos petroleiros, Sindpra e têxteis. Neste último, praticam o método pelego de estatutos excludentes de oposição, publicação de editais em sábados com prazo de inscrição de chapas até segunda-feira etc.

Essa linha sindical reflete o programa estalinista de colaboração de classes, que por estar em contradição com os interesses da classe, tem necessariamente de recorrer à burocratização (exclusão das bases das decisões e impossibilidade de expressão da oposição) e apego ao fisiologismo de conteúdo burguês. Os militantes comunistas e honestos de base desse partido só têm um caminho: romper com o estalinismo em degeneração e se colocarem pela construção do partido revolucionário, que só pode ser tal a partir do programa da revolução proletária.



ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS

O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A DITADURA DO PROLETARIADO

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO

NO NORTE E NORDESTE ESCREVA PARA

CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CEARÁ - CEP 60001-970

CAIXA POSTAL Nº 2768 - CEP 59022-970 - NATAL - RN

ASSINATURAS: SEMESTRAL - R\$ 15,00 - FALE COM O DISTRIBUIDOR DESTE JORNAL

A política do PCdoB em Pernambuco e o seu envolvimento no governo Arraes (PSB)

O governador Miguel Arraes (PSB), em Pernambuco, é ligado aos usineiros pernambucanos, pois sua campanha foi financiada por vários deles: Armando Monteiro, João Colaço, Eduardo Monteiro (ex-dono do Banco Mercantil), José Chaves (grande industrial). O governador Arraes tem aplicado fielmente os planos ditados pelo imperialismo, privatizou a Celpe (energia), aplica os planos de reformas na educação, enfrentou recentemente uma greve de professores.

Estava envolvido no escândalo dos precatórios com uma cifra de 900 milhões de reais.

A política do Pcdob em Pernambuco

Apoiaram o governo Miguel Arraes nas eleições passadas, com o discurso de que era um progressista. E atualmente estão em secretarias do seu governo, em mais de um escalão. São responsáveis pela moradia. Sua primeira medida foi fechar todas as creches pertencentes ao Estado. Não desenvolveram nenhuma política que beneficiasse a população pobre nesse setor. E Recife tem uma péssima situação de moradia, com grande proliferação de favelas.

Estão também na Secretaria da Saúde. Silenciaram diante da crise das mortes por hemodiálise, um escândalo que expressa a desintegração da saúde pública em benefício do parasitismo financeiro, e que se traduz em mortes entre a população carente nos hospitais públicos.

Sobre a privatização da Celpe, também não se pronunciaram. Sobre o escândalo dos precatórios, saíram em defesa de Miguel Arraes.

Essas atitudes são típicas de um partido que se enraizou na política burguesa, e que faz política de acordo com os interesses eleitorais e regionais.

Nacional

O problema da seca no nordeste só se resolverá por meio da Revolução Proletária

No último período, tem ganhado destaque na imprensa a seca do nordeste brasileiro e a fome a que estão submetidos aproximadamente 18 milhões de nordestinos.

Esse fenômeno da estiagem (popularmente chamado seca) acontece ciclicamente no nordeste há séculos. Seu agravamento está ligado a um fenômeno climático: tem relação com o aquecimento das águas do Oceano Pacífico, o chamado "El Niño". Isso quer dizer que é plenamente previsível.

No Rio Grande do Norte, como no restante do país, essa seca foi amplamente prevista e anunciada desde 1997, por diversos institutos de meteorologia e pesquisas climáticas. Os governos municipais, estaduais e o federal tinham conhecimento do que aconteceria e de que se agravaria a situação de fome e mortandade do povo nordestino.

Em outubro de 1997, o governo FHC solicitou ao Congresso uma verba suplementar de 150 milhões de reais, sob pretexto de combater os efeitos provocados pelo fenômeno "El Niño". Essa verba, além de ser uma migalha diante da fome e seca, chegou apenas parcialmente ao nordeste (37 bilhões), e não se sabe onde foi aplicada. Boa parte dos recursos foi desviada para obras de habitação em redutos eleitorais dos partidos burgueses. Boa parte dessa verba foi liberada apenas às vésperas da votação da reforma da previdência, servindo como instrumento de barganha e corrupção.

A SUDENE, criada nos anos 70 como suposto instrumento de desenvolvimento da região, na verdade é mais um banco de empréstimos generosos a empresários e latifundiários do nordeste. Tão generosos que muitas vezes sequer precisam ser pagos, como foi no caso da anistia de 250 milhões



a empresas acusadas de uso irregular de recursos da SUDENE.

Empresários, latifundiários, governos, parlamentares se beneficiam eleitoralmente da seca, por meio de vários instrumentos, conhecidos na imprensa como "indústria da seca". Enquanto isso os camponeses pobres passam fome.

As respostas burguesas à seca tornam-se mais instrumentos desse mecanismo. A da transposição das águas do rio São Francisco para perenizar quatro grandes rios da região (Piaueó na PB, Apodi e Piranhas no RN e Jaguaribe no CE) é uma delas. A cada seca e a cada eleição surgem novas propostas do tipo, que se transformam em promessas ou em mecanismos de corrupção ao redor do orçamento público.

Outra iniciativa dos políticos burgueses, só que com apoio de setores do movimento operário e camponês, e estimulada pela imprensa, é a chamada "campanha contra a fome, pela vida". Trata-



se de uma campanha que procura atenuar o problema da fome por meio do assistencialismo. Isenta de responsabilidade sobre a questão o Estado, os governantes e os capitalistas. Transfere para os trabalhadores em geral a tarefa de alimentar os que estão famintos por meio de doações. Desvia a luta dos trabalhadores do campo dos saques para o assistencialismo.

A seca do nordeste não é a principal causadora da grande fome dos nordestinos, nem de sua miséria, comparável com as dos países africanos mais pobres. São a exploração capitalista e a concentração de propriedade as causas principais. A seca apenas eleva a miséria a um ponto máximo, o da falta da alimentação mais elementar. Isso diante de armazéns abarrotados de alimentos, estoques reguladores preservados pelo governo para sustentar os preços dos produtos dos capitalistas, e que muitas vezes lá ficam até apodrecer. Por isso, o assistencialismo diante de tal quadro é uma colaboração para preservar os interesses dos capitalistas, tirando de quem tem pouco para dar a quem tem nada, e evitar a ação direta, os saques.

O governo FHC reuniu-se com o Conselho de Segurança Nacional e propôs que se enviassem tropas do exército para a região e se garantisse o envio de cestas básicas para

os flagelados. As prisões de camponeses que saquearam para sobreviver é a resposta do governo democrático, que mobiliza o exército para defender os grãos apodrecendo nos armazéns, e com eles os preços e lucros dos capitalistas.

O movimento sindical e popular e as organizações operárias devem convocar um amplo movimento em defesa dos trabalhadores famintos, em defesa dos saques (não só os famélicos, mas também e principalmente os organizados). Formar comitês de apoio ao movimento dos trabalhadores famintos. E apontar que não basta saquear, mas é necessário combater as causas da fome e desemprego. Combater o plano de fome e miséria de FHC. Defender que se organizem frentes de trabalho, pagando o salário mínimo real (1800 reais) a cada família, a formação de comitês dos camponeses pobres para controlar essas frentes de trabalho e organizar a luta.

A solução para a questão da seca depende da luta antiimperialista e anticapitalista. Depende de acabar com o capitalismo pela revolução proletária.

Nacional

Uma jornada de luta em Fortaleza-CE

No dia 06 de junho, por iniciativa da Central dos movimentos Populares (CMP), da União das Comunidades da Grande Fortaleza (UCGF) e da União das Mulheres Cearenses (UMC), realizou-se no Seminário da Prainha, em Fortaleza, uma plenária popular para organizar uma "JORNADA DE LUTA CONTRA A FOME, O DESEMPREGO E POR LIBERDADE". Participaram, além de companheiros do movimento de bairros, professores, funcionários públicos, estudantes, o PART e o Partido Operário Revolucionário.

Diante do imobilismo da direção reformista do movimento operário-popular (PT, PCdoB), esta proposta de organização popular e ação direta é progressiva. No entanto, o eixo apresentado prejudica o processo de emancipação das massas das ilusões burguesas.

O objetivo apresentado pela CPM, UCGF, UMC e PART foi colher milhares de assinaturas de apoio a um Projeto de Lei de Iniciativa Popular que propõe que os desempregados(as) sejam dispensados do pagamento de tarifas de água, esgoto, energia elétrica e IPTU, bem como tenham passe-livre nos ônibus e um salário mínimo mensal para garantir sua sobrevivência e de sua família. Boas intenções de lado, este caminho dificulta a luta revolucionária dos trabalhadores, empregados ou não.

Primeiro, semeia a ilusão que através de uma lei aprovada pela Câmara Municipal será resolvida o drama dos desempregados de Fortaleza. O de-

semprego é uma chaga do capitalismo. Na atual fase de desagregação social, ele é utilizado pela burguesia para baixar ainda mais os salários e aumentar a exploração dos que trabalham. Neste período de decadência, qualquer reforma ou migalha conquistada não será produto da pressão sobre o parlamento, mais sim resultado da ação direta das massas pelas suas reivindicações imediatas e históricas.

Segundo, separa a mobilização dos desempregados da luta dos trabalhadores com emprego. Por que só os desempregados não devem pagar tarifas de água, energia elétrica e IPTU? E quem ganha esse salário mínimo de fome, ou é subempregado (biscateiro)? Pode pagar essas tarifas? É claro que não. Porém, o pior é que a concessão de um salário mínimo por parte do Estado Burguês não resolve o problema do desemprego. Apenas a luta pela escala móvel de trabalho, isto é, a divisão da totalidade das horas de trabalho pelo número de pessoas aptas a trabalhar, com um salário mínimo vital de R\$ 1.800,00, acabará com o desemprego, a fome e a miséria.

Terceiro, de fato, a base ideológica dessas posições políticas é a tese revisionista (burguesa) de "fim do trabalho" defendida pelo PART. Por isso, o PART é contra a revolução e ditadura proletárias, apresentado a "democracia direta" e a "revolução humana" como alternativa ao capitalismo em desintegração. Apesar da combatividade dos militantes do PART, tais

concepções historicamente falsas enfraquecem as massas no seu combate ao plano antinacional e antipopular de FHC.

Fortalecer a frente única contra FHC e seu plano de fome



As divergências do Partido Operário Revolucionário com a política do PART não devem prejudicar a construção da JORNADA DE LUTA, representam a democracia operária, que só pode fortalecer o movimento dos trabalhadores. Uma frente única contra um inimigo comum deve pressupor o direito de crítica, fundamental para educar os explorados na sua luta pelo poder.

Somente a FRENTE ÚNICA ANTIIMPERIALISTA, sob a estratégia da revolução e ditadura proletárias, poderá levar os sem-teto, desempregados e demais oprimidos a derrotar FHC, Tasso e Juraci.

Reproduzimos a seguir manifesto (nota) do POR a respeito:

CONTRA A FOME, O DESEMPREGO, E A OPRESSÃO SOCIAL

ABAIXO FHC, TASSO E JURACI!

Ao contrário do que diz o governo, a situação nunca esteve tão ruim para os trabalhadores. Desemprego, miséria, fome, repressão, falta de saúde e educação, além de salários baixos. A seca apenas veio agravar os sofrimentos de milhões de camponeses nordestinos. No Ceará, são mais de 500 mil trabalhadores em 119 municípios atingidos pela estiagem. Nas cidades, outros milhões de trabalhadores amargam uma vida sem futuro. Em favelas ou ocupações sem o mínimo saneamento básico, sobrevivem com um salário que mal dá para comer.

De fato, o crescente desemprego, o salário mínimo de 130 reais, o latifúndio, a exploração capitalista e o plano antinacional e antipopular de FHC são os responsáveis pela miséria e a fome.

E A ESQUERDA REFORMISTA? O QUE FAZ?

Enquanto milhões passam necessidade no campo e nas cidades, o que fazem os partidos reformistas (PT, PCdoB), que dirigem o movimento operário-popular?

Se aliam com os inimigos dos trabalhadores: Brizola/PDT, Arraes/PSB, Requião/PMDB e outros representantes da burguesia. Reprimem os trabalhadores como fez o governo petista de Cristovam Buarque em Brasília no dia 20 de maio. Burocratizam os sindicatos. Dividem o movimento e quebram greves.

No 1º de Maio, em Fortaleza, por exemplo, a direção da CUT impediu o PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO de falar. No entanto, um mês depois, a mesma direção da CUT aprovou debater o programa de governo do empresário Amarílio Macedo, concorrente a candidato a governador pelo PSDB de Tasso e FHC.

Esta é a política do reformismo e da burocracia sindical, aos revolucionários nadá, à burguesia tudo. Por isso, os operários, camponeses, funcionários públicos, estudantes, professores, sem-teto, desempregados e demais oprimidos devem confiar apenas em suas próprias forças.

Contra o eleitoralismo, a ação direta das massas (greves, ocupações, saques). Contra a aliança com a burguesia, a UNIDADE OPERÁRIO-CAMPONESA. Contra a "frente ampla", a FRENTE ÚNICA ANTIIMPERIALISTA. Contra o "programa democrático e popular", o PROGRAMA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIA.

CONSTRUIR UMA JORNADA DE LUTA REVOLUCIONÁRIA

Está na hora dos explorados e oprimidos construírem uma direção revolucionária. O caminho é a luta e a organização contra o imperialismo (FMI, multinacionais), os empresários nacionais e o Estado burguês.

Nenhuma ilusão na Câmara Municipal corrompida. Nenhuma ilusão nos vereadores burgueses e sua demagogia. Nenhuma ilusão que uma lei resolverá o problema do desemprego.

É preciso organizar os comitês contra o desemprego, a fome e a política antinacional e antipopular de FHC, Tasso e Juraci. Apenas pela luta de classes, unitária e revolucionária, os trabalhadores, empregados ou não, terão como resistir à ofensiva patronal.

Os saques são a forma mais primitiva de confisco popular. É um exemplo de ação direta para não se ficar faminto diante das riquezas dos capitalistas. No entanto, é necessário avançar mais e mais. Para confiscar o capital, expropriar a propriedade privada dos meios de produção (terras, fábricas etc.). Todo apoio aos saques! Pôr abaixo o plano de fome e desemprego de FHC! Redução da jornada de trabalho até que haja emprego para todos!

Construir uma jornada de luta por:

. FRENTE DE TRABALHO PARA DESEMPREGADOS;

. SALÁRIO VITAL DE R\$ 1.500,00-

. PLANO DE OBRAS PÚBLICAS SOB CONTROLE DOS TRABALHADORES;

. NÃO PAGAMENTO DE ÁGUA, LUZ, IPTU PARA QUEM GANHA SALÁRIO MÍNIMO;

. GREVE GERAL POR TENIPO INDETERMINADO;

. GOVERNO OPERÁRIO E CAMPONES.

Adquira a revista
Socialismo Científico nº 5:

150 anos do Manifesto Comunista

Com artigos do Massas em defesa do Manifesto como programa da revolução proletária, e reproduzindo as introduções ao Manifesto, de 1848 a 1893, o próprio Manifesto, os Princípios do Comunismo, de Engels, escrito em 1847 pouco antes do Manifesto e os Estatutos da Liga dos Comunistas. Fale com o distribuidor deste jornal ou escreva para nossa caixa postal.



FORMAÇÃO POLÍTICA MARXISTA

Realizou-se no dia 21 de junho, em Fortaleza, uma ESCOLA DE QUADROS DO POR. O Partido Operário Revolucionário, como organização leninista, se diferencia do reformismo (PT, PCdoB) e do centrismo (PSTU), por se preocupar com a educação constante, teórica e prática, dos seus militantes e simpatizantes.

O tema central foi "A QUESTÃO DO ESTADO E O MARXISMO". Sua escolha foi condicionada pela atual conjuntura eleitoral, em que o reformismo e o centrismo tornam-se reféns da ideologia burguesa, fortalecendo as ilusões democráticas das massas e negando o essencial da doutrina marxista sobre o Estado. Por isso, é fundamental para os revolucionários e trabalhadores conscientes compreender o que é o Estado. Como disse Lênin, "a luta para libertar as massas trabalhadoras da influência da burguesia em geral... é impossível sem uma luta contra os preconceitos oportunistas em relação ao 'Estado'" (*O Estado e a Revolução*). De fato, devido a crise de direção do movimento operário-popular, "esquece-se, afasta-se, deturpa-se o lado revolucionário da doutrina, a sua alma revolucionária... coloca-se em primeiro plano, glorifica-se, aquilo que é aceitável ou que parece aceitável para a burguesia" (idem).

Não é à toa que correntes que se reivindicam do marxismo, do estalinismo ao pseudo-trotskismo, fogem, como o diabo da cruz, da estratégia da revolução e ditadura proletárias, produto elementar da concepção marxista de Estado.

LIÇÕES DE LÊNIN SOBRE O ESTADO

No livro *O Estado e a Revolução* - "A Doutrina do Marxismo sobre o Estado e as Tarefas do Proletariado na Revolução", escrito por Lênin na clandestinidade em agosto/setembro de 1917, quando se ocultava das perseguições do Governo Provisório burguês russo, está exposta de forma sintética e profunda a teoria científica sobre o Estado.

A idéia básica do marxismo sobre a questão do papel histórico e do significado do Estado pode ser resumida nos seguintes pontos:

- 1) "o Estado surge precisamente onde, quando e na medida em que as contradições de classe objetivamente não podem ser conciliadas" (Lênin);
- 2) "o exército permanente e a polícia são os principais instrumentos da força do poder de Estado" (Lênin);

- 3) "como o Estado nasceu da necessidade de conter os antagonismos de classe, e como ele, porém, ao mesmo tempo, nasceu no meio do conflito destas classes, ele é, em regra, o Estado da classe mais poderosa, economicamente dominante, a qual por meio dele se torna também a classe politicamente dominante e assim adquire novos meios para a repressão e exploração da classe oprimida" (Engels);

- 4) "a república democrática é o melhor invólucro possível para o capitalismo, e por isso o capital, depois de se ter apoderado ... deste invólucro, que é o melhor, alicerça o seu poder tão solidamente, tão seguramente, que nenhuma substituição, nem de pessoas, nem de instituições, nem de partidos na república democrática burguesa abala este poder" (Lênin);

- 5) "se o Estado é o produto do caráter inconciliável das contradições de classe, se ele é um poder que está acima da sociedade e que "cada vez mais se aliena da sociedade", então é evidente que a emancipação da classe oprimida é impossível não só sem uma revolução violenta mas também sem a destruição do aparelho do poder de Estado que foi criado pela classe dominante no qual está encarnada esta 'alienação'" (Lênin).

- 6) "a necessidade de educar sistematicamente as massas nesta e precisamente nesta concepção da revolução violenta está na base de toda a doutrina de Marx e Engels".

Estes pontos essenciais para a estratégia e tática revolucionária nem sequer são tocados pelos reformistas e centristas, quando deveriam desempenhar um importante "papel na propaganda e agitação cotidianas das massas" (Lênin). Ao contrário desses "quase-socialistas", o POR levanta bem alto a bandeira da revolução e ditadura proletárias, não apenas porque Marx, Engels, Lênin e Trotsky a defendiam, mas porque nos dias atuais corresponde à única alternativa séria ao capitalismo decadente.

Educação



Adquira as Obras Completas de Guillermo Lora

Temos à venda até o volume 30 das Obras Completas do dirigente do POR boliviano Guillermo Lora. Já saíram os volumes 31 e 32. No final de julho, estaremos divulgando-os. O monumental trabalho de compilação e impressão, nas condições mais difíceis, de artigos, documentos, teses, livros e folhetos produzidos durante cerca de 50 anos de luta pela construção do partido-programa se justifica fundamentalmente pela presença atuante do trotskismo na Bolívia.

Nas Obras Completas está contido o programa da revolução proletária à luz de nossos dias e a história do POR boliviano. Todo militante consciente está obrigado a estudar e assimilar critica-

mente os ensinamentos do POR, assim como fazemos com os escritos de Marx, Engels, Lenin, Trotsky e outros revolucionários.

Os críticos do POR, pelo menos aqui no Brasil, têm se comportado como cacatuas (papagaios), repetindo velhos preconceitos. Dizem-se marxistas, mas primam pela ignorância. Falam sem conhecer as reais posições do POR. Rejeitam estudar os escritos de Lora, tão necessários para os críticos fundamentarem suas críticas ou desfazerem-se dos preconceitos divulgados pelo pablismo. Mas, sem dúvida, não se pode convencer os ignorantes sectários. Estes se alimentam da confusão

para propagar as falácias, como o de nacionalismo do POR, de ultraesquerdismo etc.

Referimo-nos a tais adversários apenas para mostrar que têm uma fonte cristalina para se convencerem de que seus ataques ao POR não se sustentam. Mas o fundamental diz respeito à necessidade da vanguarda consciente, marxista, estudar os escritos do POR, forjados na mais aguda luta de classes.

Estamos preparando um prospecto de apresentação das Obras Completas e as jornadas de estudos coletivos, que logo mais serão concretizadas, de acordo com recomendações do Comitê de Enlace.

Que partido necessitamos construir?

Está clara a profunda crise do capitalismo. Os acontecimentos do sudeste asiático, as tendências de quebra no Japão, a estagnação mundial e o avanço da destruição de forças produtivas em várias partes do mundo são as evidências. Os governos sociais-democratas, denominados de centro-esquerda, cumprem o mesmo papel dos direitistas de descarregar a crise sobre as massas.

A democracia comparece como uma caricatura vigente apenas para os partidos capitalistas. Os sindicatos são duramente reprimidos frente a qualquer greve. Isso significa que a burguesia não tem como administrar sua crise sem utilizar do totalitarismo contra os trabalhadores. Não se dispõe a fazer reformas sociais. Não pode fazer concessão aos explorados. Seus planos econômicos têm de ser implantados a qualquer custo. Esse custo é desemprego, fome e repressão às lutas.

É nessa situação que temos a tarefa de construir o partido. Para ser forjado como verdadeiro instrumento do proletariado, necessita de um programa revolucionário e de militantes altamente conscientes e disciplinados, que dominem a teoria marxista e que atuem no seio das massas. Trata-se de um partido de quadros, educado na teoria da re-

volução proletária e na guerra de classe. Só assim será firme na estratégia da tomada do poder pela via insurrecional e levante armado dos explorados.

Um partido de quadros não se confunde com o reformismo e com o centrismo, bem como o sectarismo esquerdista. Na atualidade, o reformismo e o centrismo têm predominância na vanguarda proletária.

O reformismo se caracteriza por apregoar as vantagens da democracia burguesa e a via parlamentar de melhoria da vida das massas. Apóia-se numa vasta burocracia sindical, corrompida até a medula. Sua ação se concentra no objetivo de arregimentação das massas por detrás da política de conciliação de classe. Trabalha por amortecer a luta de classes. Serve de correia de transmissão ideológica da burguesia, defendendo que o capitalismo é reformável e que o comunismo é uma miragem fracassada. Constitui num pilar de aliança frentepopulista com partidos da burguesia.

O centrismo se caracteriza por defender um programa mínimo para constituir uma frente de esquerda e um governo dos trabalhadores, como forma transitória para um governo revolucionário. Faz uma revisão na estratégia da ditadura do proletariado, desfigurando-a ou tornando-a em uma caricatura para manejar em alguma situação. O centrismo ora está a reboque do reformismo ora em oposição a ele, mas sem romper totalmente com ele. Oscila entre posições reformistas e revolucionárias. A razão dessa oscilação está em que rejeita assumir um programa definido: ou burguês reformista ou proletário revolucionário. Rechaça organizar a militância em torno do programa da revolução e ditadura proletárias, considerado fora da consciência das massas e um obstáculo ao crescimento partidário.

Nas condições de crescente desintegração do capitalismo, o reformismo logo se mostra traidor dos interesses mais elementares dos assalariados. Tende a capitular diante das pressões da burguesia internacional, a assimilar posições pró-imperialistas.

O centrismo, por seu turno, mostra-se impotente por sua política de aproximação ao reformismo, por se estrangular com a tática eleitoralista e por não desenvolver uma política de acordo com as condições de desintegração do capitalismo. Sob pressão dos acontecimentos, tende a se desintegrar em várias tendências. Uma delas pode caminhar para a construção do partido revolucionário. O que depende em muito da existência de um embrião do partido de quadros.

A Tendência por um Partido Operário Revolucionário (POR) compreende que a tarefa colocada é de elaborar o programa da revolução e ditadura proletárias e armar os seus quadros no interior da luta de classes. As condições objetivas para a revolução estão dadas, como demonstra a desintegração do capitalismo na etapa última do imperialismo. A questão está na ausência de quadros organizados em torno do programa e dirigentes das lutas. Está colocada a defesa da estratégia e métodos revolucionários, desfigurados pelo centrismo e combatidos pelo reformismo.

O método é o de partir das necessidades mais elementares das massas e de seus instintos de luta para elevar o combate à altura da estratégia da revolução e ditadura proletárias. Nesse trabalho, forja-se teoricamente os quadros comunistas. Convocamos a militância que se identifique com tarefa de constituir o Partido Operário Revolucionário a dedicar sua vida a esse objetivo histórico.

3ª Conferência Nacional do POR

Acontecerá nos dias 11 e 12 de junho, em São Paulo, e debaterá as posições do partido revolucionário frente à conjuntura, particularmente às eleições.

O texto "Estratégia e Tática do Partido Revolucionário Frente às Eleições" é a proposta de documento base para discussão, que deve ser acrescida de uma resolução sobre a conjuntura.

Cursos de Formação Política

O POR prossegue com seu curso sistemático de formação política. Iniciaremos agora uma série sobre a fundação da IV Internacional, que aniversaria em setembro seus 60 anos.



Uma importante vitória da oposição

No início de junho foram realizadas as eleições para o Conselho em todas as subseções da Apeoesp. O Partido Operário Revolucionário participou com candidatos em duas regiões da capital. Na região Oeste-Lapa, formou-se uma chapa de oposição à Articulação (corrente política ligada à diretoria da Apeoesp), com o POR e professores independentes. Na Leste/Penha, ocorreu o mesmo. Na Lapa, votaram 1349 sindicalizados, sendo 13 votos brancos e 63 nulos. Na Penha, o número de associados que votou caiu em relação às eleições passadas.

As eleições se deram num marco de grande descontentamento dos professores. De um lado, a derrota de uma greve que foi bombardeada pelo governo e destroçada pela diretoria da Apeoesp, que tudo fez para não chocar o movimento contra o governo do PSDB. No momento que Covas iniciou as ameaças de punições aos grevistas (desconto, faltas injustificadas etc), a diretoria se encolheu e os professores não sentiram confiança na possibilidade de obter vitórias com a greve. E, com isso, a mobilização grevista não cresceu. Os que participaram foram punidos pelos diretores e delegados de ensino. Na região da Lapa, a 1ª Delegacia injustificou as faltas e descontou os dias parados, sem que houvesse a possibilidade de negociação dos mesmos. Nas outras, os descontos atingiram metade do salário dos professores. Foi nesse momento que se processou as eleições. Uma parcela de professores se recusou a votar, alguns faziam campanha de desfiliação, como forma de protesto contra a diretoria capituladora.

A Oposição denunciou a ofensiva do governo de destruição da escola pública, através da Reforma do ensino, e a política traidora da diretoria (Articulação) de não organizar a resistência dos professores contra essa reforma educacional, que vem sendo implantada a passos largos na rede. Ao mesmo tempo, também denunciou a truculência da diretoria de contratar "bate-

paus" para punir todos aqueles que diferem de sua política. A campanha eleitoral durou poucos dias. Isso porque se deu na semana posterior ao fim da greve.

Na Região Oeste-Lapa, a Articulação conseguiu maioria para o Conselho Estadual e a Oposição obteve maioria na composição da Executiva local. Assim, o POR assumiu a coordenação política da Subseção e a comissão de educação. A tesouraria ficou com os independentes. Defendemos que houvesse uma Executiva, obedecendo a proporcionalidade. A Articulação ficou com a Secretaria Geral. Os mais envolvidos com a diretoria, com a corrente Articulação, não se propuseram a compor com a Oposição, com exceção do segundo nome da Tesouraria.

Na Leste/Penha, o POR foi eleito em quinto lugar e fará parte também do Conselho Estadual. Nessa região, a Executiva é composta somente pela Articulação, pois não há proporcionalidade.

Dessa forma, o POR elegeu seus militantes professores para o Conselho Estadual e dirigirá, juntamente com os independentes, a segunda maior subseção da capital. O objetivo fundamental é a organização dos professores, através da avanço da politização, para se opor à destruição da escola pública. E, por outro lado, o fortalecimento dessa fração oposicionista à política da Articulação, construindo de fato uma fração revolucionária no interior da classe.

Subseção Oeste-Lapa denuncia os diretores e delegados de ensino que puniram os professores

A nova gestão da subseção esteve com representantes das escolas (por volta de 30 professores) na delegacia de ensino. O motivo dessa pressão se deu por conta das punições aos professores que fizeram greve. Alguns diretores, a mando da delegada, injustificaram as faltas, trazendo conse-

quências duras à vida funcional dos trabalhadores da educação.

As escolas atingidas pela punição se mostraram dispostas a comparecer à delegacia de ensino. A delegada nada pôde fazer diante da presença dos professores. Por isso, recebeu e hipocritamente atribuiu a responsabilidade da punição aos diretores. Assim, posou de democrática e não se contrapôs aos argumentos dos educadores. Porém, se negou a oficializar por escrito que a responsabilidade pelas faltas injustificadas era dos diretores. É claro, isso é próprio dos burocratas do governo, quando existe uma pressão da classe. Na frente é uma coisa e por trás apunhala.

Sabemos que não se trata de um problema localizado de nossa região e que a diretoria da Apeoesp não consegue ter força política para que haja uma negociação coletiva para todas as regiões do Estado. Isso só é possível diante da mobilização, sem o que nem Secretária, nem governo e nem delegacia de ensino receberão os dirigentes do sindicato. Na Lapa, só recebeu porque houve a denúncia e a mobilização das escolas punidas.

Sabemos que as punições só serão resolvidas com uma forte pressão da classe. Caso contrário, o ocorrido na Lapa vale unicamente como forma de denúncia do autoritarismo dos diretores, supervisores e delegados.

OPERAÁRIO
REVOLUCIONÁRIO



Rio Grande do Norte

Curso de atualização curricular é marcado por luta

Nos dias 8 a 12 de junho foi realizado em Assu (RN) o curso de atualização curricular para professores da rede estadual do ensino fundamental (1ª a 8ª séries). Cerca de 935 professores participaram do curso, vindo dos diversos municípios do Estado como Macau, Pendências, Itajá, Ijanguaçu, Assu e outros.

O curso tinha como objetivo uniformizar a prática pedagógica dos professores nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ou seja, aplicar as propostas neoliberais para a educação.

Apesar disso, o curso foi marcado por um clima

tenso, de revolta, criado pela Secretaria da Educação do Estado (SECD). Ao prometer o pagamento das bolsas aos cursistas no primeiro dia, locais para banho e alojamento, almoço no local e preço acessível e material para o curso. O não cumprimento da promessa forjou um clima de revolta entre os professores cursistas, culminando na paralisação temporária das atividades durante o período da tarde do dia 12/06.

A mobilização dos professores garantiu o pagamento das bolsas no final do expediente do mesmo dia.

5º Congresso dos Estudantes conclui votações

O 5º Congresso dos Estudantes da USP terminou no último dia 20/06. As resoluções aprovadas contêm aspectos contraditórios, refletindo a polarização entre as propostas revolucionárias e as oficialistas. Tal

polarização expressa a conjuntura, de aplicação da reforma educacional de Covas/FHC. Diante dela, só é possível assumir com clareza duas posturas: ou a de combate ou a de cooperação. As intermediárias acabam desarmadas e se embocam ora com um ora com outro lado. Por isso, de um lado foram aprovadas propostas de luta e defesa da universidade pública. De outro, propostas equivocadas, que favorecem a política de destruição do ensino do governo. Já destacamos anteriormente (Massas nº 153) as propostas votadas na primeira plenária. Vamos à segunda.

Com um número bem menor de delegados presentes, esta plenária reproduziu em linhas gerais a anterior: um plenário dividido entre as posições oficialistas e as das esquerdas, composição que se alterou levemente ao longo dos trabalhos (houve momentos em que o oficialismo chegou a ser majoritário).

O primeiro ponto votado foi a extensão universitária. Temos mostrado que a extensão tem seu caráter determinado pela relação universidade/sociedade. Enquanto a universidade estiver sob controle da burocracia universitária, a extensão terá em geral um caráter assistencialista. Sua transformação depende da transformação da universidade. Em outras palavras, da conquista da autonomia universitária frente ao Estado e aos capitalistas, e do estabelecimento da unidade entre a comunidade



Plenário do Congresso mostrou forte influência de posições oficialistas.

universitária e o movimento operário (aliança operário-estudantil).

Ainda assim, nesse ponto, debateu-se questões muito importantes para o movimento. Destacamos:

a) a questão da independência das organizações estudantis frente aos organismos da reitoria, do governo e da burguesia. Uma das propostas apresentadas era a de que o DCE e os CAs pudessem receber recursos da reitoria para financiamento de projetos de extensão. Nós defendemos contra, porque as organizações estudantis devem sobreviver a partir das contribuições voluntárias dos estudantes. Mostramos que essa questão está ligada à dependência econômica (e conseqüentemente política) estabelecida pelas entidades, como a UNE, que tem seu sustento ligado aos acordos com os governos ao redor da meia-entrada vinculada

às carteirinhas da UNE. As organizações estudantis que não expressam os reais interesses dos estudantes são rejeitadas por eles, e são obrigadas a buscar sustento econômico por outras vias, estabelecendo dependência. Somente as entidades que se colocam pela luta em defesa das reivindicações poderão ganhar apoio dos estudantes e ter seu financiamento por meio das contribuições voluntárias. Os oficialistas se colocaram claramente pelo dinheiro vindo de qualquer lugar, provando mais uma vez nossa tese.

b) Outro ponto da extensão era a defesa de que estudantes dessem aulas e monitorias no primeiro e segundo graus. Foi derrotado. Trata-se de uma posição colaboracionista com o governo, que tem demitido dezenas de milhares de professores da rede estadual, e a mão-de-obra estudantil

Mais um na frente anti-assembléia geral de alunos: Reviravolta (PSTU)

Um dos pontos votados e rejeitados pelo Congresso foi a convocação de uma assembléia geral de alunos da USP, para dar unidade ao movimento e colocar-se por uma frente de luta com professores e funcionários, a partir das reivindicações comuns.

Era uma reivindicação da assembléia de alunos da FFLCH, e que já havia sido negada pelo DCE e pelo Conselho de Centros Acadêmicos. Agora, a frente anti-mobilização ganhou mais um adepto: o PSTU. Essa corrente tinha se colocado anteriormente como defensora da proposta da assembléia, seus delegados foram eleitos defendendo-a. Cabe a eles explicar aos alunos essa "Reviravolta".

seria utilizada para compensar parcialmente essa destruição do ensino médio e básico públicos.

c) Indefinição sobre a questão do projeto "Comunidade Solidária". Foi proposto que o Congresso condenasse o projeto demagógico eleitoreiro governamental e denunciasses o governo como responsável pela miséria. A votação terminou empatada, mostrando a divisão entre governistas e oposicionistas. Foi encaminhada para um futuro seminário debater. O apoio ao "Comunidade Solidária" é a expressão mais clara do conteúdo demagógico e colaborador do oficialismo. Sobre outras questões políticas gerais, esses setores espernearam contra sua discussão, pois não tinham a ver com os estudantes, ou supostamente eram apenas de interesse dos partidos. Mas quando se propôs a condenação do programa do governo, logo saíram em defesa do mesmo. A verdade é que esses que condenam a política partidária a exercem em favor do governo e capitalistas.

Um golpe antidemocrático no Congresso: a abertura à captação de recursos externos

Já havia sido votada na plenária inicial a resolução de "financiamento estatal para a universidade pública" em oposição às propostas de parcerias, captação de recursos etc., feitas pelo oficialismo. Nós defendemos que não se realizasse novamente, em um plenário bem menor e menos representativo, a revisão de uma decisão

anterior já tomada. Porém, de forma antidemocrática, os defensores da captação de recursos junto à iniciativa privada golpearam o Congresso e colocaram a proposta em votação, aprovando-a. Depois, modificaram a forma da resolução, de modo a torná-la ambígua. A Corrente Proletária Estudantil não reconhece a legitimidade de uma resolução tomada por meio de golpe e denuncia a falcatura à comunidade.

A questão da paridade

Aprovou-se a defesa de uma estatuinte que reformule o estatuto da USP, a partir da eleição de delegados dos três setores (alunos, funcionários e estudantes) de forma paritária.

Contrapomo-nos a essa proposta, defendendo que não exista uma ponderação na participação de cada setor. A paridade cria uma relação desigual entre o poder de decisão dos alunos e professores/funcionários. Para respeitar a paridade (1/3 de poder a cada setor), o voto de cada professor tem de valer 15 a 20 vezes mais que o de estudantes.

Mostramos que não existe uma contradição entre os interesses de estudantes, professores e funcionários, e sim a contradição entre os interesses da comunidade universitária e os da burocracia/governo. Por isso, não tem sentido atribuir essa diferenciação de poder. O voto de correntes de esquerda (PSTU, O Trabalho) na paridade contra a universalidade mostra que estão contaminadas pelos preconceitos que dão aos professores

supremacia em relação aos alunos e que estão comprometidas com defesa da democracia formal e passiva (voto em urna), em oposição à democracia estudantil ativa, que se baseia na assembléia e na mobilização, nas quais não pode haver maior poder de decisão de um setor em relação a outro.

O principal é que não vai ser por meio de voto em urna que se modificará a estrutura de poder na universidade. Somente a mobilização sistemática e permanente da comunidade pode impor a transformação das relações de poder. Nesse processo, os estudantes têm papel preponderante, por serem a maioria. A força da mobilização é o que coloca os estudantes na posição principal nessa luta. Somente a assembléia universitária, na qual os estudantes são maioria, pode se contrapor ao poder da burocracia autoritária e instrumento do governo e capitalistas. A universidade, ou está a serviço dos capitalistas, sob poder da burocracia, ou ao lado dos explorados, sob poder estudantil.

Edição



Corrente Proletária Estudantil em Fortaleza (UECE):

POR UMA DIREÇÃO REVOLUCIONÁRIA PARA O CA DE GEOGRAFIA!

A UECE nunca teve residência universitária, sempre conviveu com a falta de professores, de péssimos laboratórios, quase inexistência de pesquisa etc. e, para agravar mais ainda o quadro, a reitoria vem promovendo todo tipo de taxas, o que ameaça o caráter público da universidade. Diante disso tudo, que devem fazer os CA's senão impulsionar as lutas e se chocar contra o Reitor e seus Pró-Reitores?! E, dessa forma, contra o governo dos capitalistas!

Nesse sentido, o que tem feito o CA de Geografia, senão o inverso? Ou seja, se colocar pela colaboração com a burocracia universitária? Não precisamos dizer aqui que essa direção irá continuar toda a obra de traições

da diretoria passada (como no episódio do aumento da taxa do R.U., em que membros do CA defenderam o aumento de 100% para a bandeja) basta ver que não tem o menor interesse em defender o ensino público, pois sequer são contra cobrança de taxa para carteira estudantil! Sua função maior continua sendo a despolitização dos estudantes, não é à toa que as atividades festivas e "academísticas" têm relevância em relação a outras. Por isso dizemos aos estudantes que o CA de Geografia está morto para a defesa das conquistas estudantis, como universidade pública, restaurante universitário, carteiras estudantis financiadas pela Reitoria etc. O imobilismo só prepara

os estudantes para receber pacificamente os ataques do governo. Chega de imobilismo! Por uma direção Revolucionária para o CA de Geografia! Que possa ampliar lutas e arrancar da Reitoria e do Governo mais conquistas, como a Residência Universitária, ampliação das bolsas de pesquisas e unificar as lutas a nível nacional para derrubar o Governo de miséria e desemprego.

Crise mundial capitalista dá um salto

A crise econômica internacional atingiu o Japão, potência imperialista, e indica avançar para um ponto superior. Se antes os chamados "tigres asiáticos" foram abalados pela crise mundial, agora uma das maiores potências mostra-se incapaz de escapar do redemoinho da desvalorização em grande escala do capital fictício e da destruição física de forças produtivas. Se antes a crise atingia economias que somam um PIB de centenas de bilhões de dólares, agora ataca os trilhões imperialistas.

A crise no Japão e as ameaças de propagação para a China abrem de modo imediato a possibilidade de contaminação das economias dos outros países imperialistas. O 1º ministro britânico Tony Blair indicou claramente a necessidade de ação das potências para evitar a quebra generalizada.

Os EUA agiram rapidamente. Certamente, o fato de que cerca de um terço da dívida pública norte-americana estar em mãos japonesas influenciou na decisão. Mas a "ajuda" americana, de alguns bilhões de dólares, já partiu condicionada ao compromisso japonês de aplicar um plano de reformas liberalizantes em sua econo-

mia, cujo conteúdo é a abertura do mercado interno à exploração ianque, especialmente em relação ao mercado financeiro. O acordo imposto ao Japão estabelece uma relação de dependência deste em relação ao imperialismo americano. Se em nível imediato conseguiu conter o agravamento da situação, através de uma valorização artificial do iene, de outro potencia a crise futura, na medida em que enfraquece a capacidade americana de enfrentar o que está por vir, e amplia a dependência e a possibilidade de atrito entre as potências.

A atual crise econômica mundial tem sua origem na superprodução capitalista e no agigantamento descontrolado da especulação financeira. Os investimentos com base em previsões de amplo crescimento da produção, especialmente o setor de alta tecnologia norte-americano, revelaram-se superestimados. A economia mundial, ainda que haja o crescimento da economia ianque, mostra-se estagnada em relação ao crescimento populacional. O que implica em retrocessos produtivos em outros pontos do planeta.

O comércio internacional mostra-se contido. Países que baseavam suas economias no comércio mundial, como os do leste asiático, encontram-se em grave dificuldade. O avanço americano e de setores europeus se dá em detrimento de recuos dos outros países.

A relação entre os valores das moedas (taxa de câmbio) nos diversos países tem seguido em geral a linha de valorização artificial, baseada no endividamento e investimento externo. Essas políticas têm mostra-

do seu ponto fraco diante das crises das bolsas de valores.

A especulação exagerada choca-se contra o bloqueio imposto pelos limites do mercado mundial. E pressiona no sentido de desvalorizações das ações, que se materializam nas quedas das ações nas bolsas de valores. A queima de capital fictício expressa a incapacidade de reinvestimento do capital na produção, dada a excessiva capacidade produtiva em relação ao mercado.

Os ajustes nas bolsas de valores levam à crise cambial. Esta torna-se um elemento de agravamento da crise comercial. A quebra do equilíbrio instável entre os valores das moedas nacionais frente ao dólar altera as relações entre os preços internacionais, modificando as relações comerciais.

Durante a crise, cogitou-se a possibilidade de uma desvalorização da moeda chinesa, pelas dimensões de seu comércio internacional e pelo volume do seu PIB. Esse país tem servido como escoadouro do excesso de capital no mercado internacional. O governo chinês tem, no entanto, colaborado com o imperialismo, ao sustentar artificialmente o valor de sua moeda e com isso evitar uma desestabilização em seu favor no comércio mundial.

Tudo indica que a entrada do Japão no rol dos países em dificuldades cambial e recessiva é apenas o início de uma nova fase da crise mundial capitalista. A contaminação dos capitais fictícios pela desvalorização oriental foi adiada, mas não superada. A recolocação dessa questão em termos das economias dos países desenvolvidos terá conse-

Internacional



Crise na Rússia ameaça Alemanha

A Rússia elevou as taxas de juros de 60% para 80%, para enfrentar as desvalorizações sucessivas do rublo frente ao dólar e a queda de cerca de 5% na sua Bolsa de Valores. Reivindica ainda uma ajuda de 15 bilhões de dólares ao FMI.

A crise na Rússia afeta o mercado mundial todo, mas mais gravemente a Alemanha, que exporta 9,4 bilhões de dólares anuais e tem 30 bilhões em dívidas do país. Assim, um agravamento da crise na Rússia poderá levar mais um país imperialista a uma situação difícil.

Chile desvaloriza moeda

O governo chileno desvalorizou no último dia 26/06 a sua moeda em 2,4% e estreitou a sua banda cambial. Anunciou ainda um pacote fiscal para amenizar os efeitos da crise asiática sobre sua economia. Faz parte do mesmo um corte de 685 milhões de dólares nos gastos públicos deste ano.

O maior problema do Chile tem sido a queda do valor do cobre no mercado internacional, motivado pela queda do consumo do metal no Japão, que é o segundo maior consumidor mundial. Os japoneses reduziram seu con-

sumo de cobre em 28%, só no primeiro trimestre.

Como o Chile tem no cobre sua maior fonte de exportação, essa queda do preço levará a uma redução de recursos ao país. O déficit comercial do país deve passar de 1,29 bilhão de dólares em 1997 para 2,69 bilhões em 1998.

Esse quadro aponta grandes incertezas sobre o futuro da economia do país. O governo, ao atuar cortando gastos públicos, acelera o caminho recessivo e de ataque às condições de vida das massas.

qüências até então impensadas.

Esse agravamento da crise capitalista está de acordo com os prognósticos desenvolvidos pelo POR em seu V Congresso. Trata-se de efetivar uma campanha sistemática de defesa da resposta proletária à crise capita-

lista. A cada passo do seu desenvolvimento, terá conseqüências econômicas, sociais, políticas etc. É importante ir respondendo a cada manifestação com os respectivos pontos do programa revolucionário.

A questão do desemprego e da mi-

séria crescente são dois exemplos. A reivindicação de que o capitalismo sustente seus escravos garantindo o emprego (por meio da estabilidade, escala móvel etc.), e a defesa da ação das massas famintas (defesa dos saques organizados, formação de comitês de luta unificados etc.) contrapõem-se às conseqüências do agravamento da crise capitalista. O partido revolucionário deve empunhá-las e ajudar as massas a se mobilizarem a fundo por elas, a fim de que compreendam, por sua própria experiência, a necessidade de destruir o sistema capitalista e exploração de classe e construir o socialismo.

África do Sul está na berlinda

A moeda sul-africana caiu 5,4% no último dia 26/06 em relação ao dólar, atingindo um recorde histórico de baixa. Neste ano a queda já foi de 17,8%. Seus principais parceiros comerciais são a Ásia e a Austrália, envolvidos em desaceleração econômica e crise. Sua economia tem na exportação de ouro e diamantes o principal filão.

Seu mercado financeiro atingiu proporções descabidas: dobrou o valor total de seu PIB. Para se ter uma idéia, no Brasil o valor total das ações no mercado financeiro é da ordem de um terço do PIB, e isso já cria enorme dependência em relação às variações das ações.

A África do Sul é mais um exemplo de país que está na berlinda pela dependência da especulação financeira externa, dependência que agrava as conseqüências da crise econômica mundial sobre a nação.

Bolívia:

Como reconstruirmos a Quarta Internacional?

Argumentação Central

Não podemos fechar os olhos diante da evidência de que o capitalismo está se desintegrando aceleradamente, a ponto da sociedade ter sido empurrada para barbárie.

Os povos, as classes sociais oprimidas e exploradas, se levantam cada dia, em alguns países - entre eles a Bolívia - cresce a convulsão social.

Não nos é permitido ignorar que estamos imersos no pior momento da crise econômica do capitalismo, ou seja, é indiscutível que a humanidade esteja amadurecida para a revolução social.

Essas notas são uma resposta à carta que nos enviou, de Nova York, "O Internacionalista", que propõe "Refundar a IV Internacional".

ESTAMOS DE ACORDO QUE A SITUAÇÃO OBJETIVA DO CAPITALISMO EXIGE COLOCAR EM PÉ O PARTIDO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA MUNDIAL, ISTO É, A INTERNACIONAL TROTSKISTA.

O que não está resolvido é saber qual é o caminho que teremos de recorrer para pôr em pé uma poderosa Quarta Internacional. Neste ponto de partida estão as maiores divergências e obstáculos para conseguir nosso objetivo comum.

É indiscutível que tem de partir do Programa de Transição, considerado não como uma acúmulo de reivindicações, mas sim como o método que nos permite orientar-nos para a revolução social, partindo da luta diária das massas ao redor de suas necessidades imediatas.

Não estamos de acordo em colocar no mesmo plano James P. Cannon, isto pelo objetivo nada revolucionário da SWP.

Temos a impressão de que uma das falhas maiores das seções da IV Internacional tem sido a falta de programas para os países em que atuaram, o que lhes têm impedido conhecê-los e revolucioná-los, penetrar a fundo nas massas. É necessário perguntar o que quis

dizer Trotsky quando escreveu que o programa é o partido. Tampouco se compreendeu que o proletariado antes de tomar fisicamente o poder tem de derrotar ideologicamente a burguesia.

Nos parece que tem de se partir assimilando autocriticamente o trabalho realizado pelos partidos-programas, pelos que penetraram nas massas e na própria história de seus países.

O POR boliviano põe a disposição dos trotskistas seu programa e seu trabalho de mais de meio século, a fim de que possam amadurecer politicamente. Oferece-lhes suas Obras Completas (serão mais de 50 volumes), produto de um trabalho gigantesco.

Lugar do Comitê de Enlace

O POR, junto com outras seções forma parte do Comitê de Enlace.

Na última época tropeçou com o obstáculo da atividade obstrucionista de um provocador e seus seguidores.

O último Congresso do Partido Argentino permitiu que uma minoria continue fiel ao Comitê de Enlace, o que lhe permitirá contribuir à Reconstrução da Quarta Internacional.

O POR Boliviano se vê potenciado para cumprir essa tarefa pelo trabalho diário que vem realizando como dirigente da Revolução boliviana.

O Comitê de Enlace nos permite persistir no trabalho do internacionalismo proletário.

(Extraído do Massas Boliviano - nº 1620, Órgão do Partido Operário Revolucionário da Bolívia)

Internacional



Greve na montadora General Motors

A greve na GM já dura mais de 20 dias. Embora esteja circunscrita às fábricas de Flint, no estado de Michigan, envolvendo 9.200 operários,

suas consequências já atingem 26 unidades das 29 existentes em todo país. O motivo imediato da greve é o fechamento de postos de trabalho e a ameaça de mais demissões.

Devido à crise de superprodução, da acirrada concorrência e da queda tendencial da taxa de lucro, os capitalistas se lançam aos chamados "ajustes". Estes resultam em fechamento de fábricas, demissão em massa e aumento da exploração da força de trabalho. Trata-se da conhecida fórmula de descarregar a crise sobre a classe operária. No mundo todo os capitalistas estão aplicando esse remédio. Não há outra via para o capitalismo em crise senão esmagar as condições de vida dos trabalhadores.

O fato do fenômeno atingir a maior montadora, sediada no coração do capitalismo mundial e os operários reagirem em prolongada greve, é um sintoma da crise econômico-financeira. Não se trata de um problema localizado na GM. A crise de superprodução e a tendência à queda da taxa de lucro atingem os principais ramos da produção, que comandam a economia mundial e incidem nos centros nervosos do capital financeiro.

A resposta dos metalúrgicos põe às claras as tendências de luta do proletariado norte-americano. A economia norte-americana tem se destacado nos últimos anos pela manutenção do crescimento econômico, em meio à



estagnação dos demais países imperialistas e da economia mundial, o que lhe tem possibilitado manter o nível de emprego. Mas tudo indica que essa situação está se esgotando.

Com a crise se alastrando de país a país e de região a região, como indica o convulsivo continente asiático, logo envolverá o carro chefe do capitalismo mundial. É neste que se concentra a maior confluência das contradições da economia geral. O nível de emprego não mais poderá ser assegurado, o subemprego tende a se expandir e o desemprego disfarçado se revelará contundente. Tudo indica que a crise social nos Estados Unidos se agravará no próximo período.

Dos países imperialistas, é o que mais rebaixou o preço da força de trabalho. Está aí um dos segredos de sua recuperação da crise da década de 80. A expropriação da classe operária e demais trabalhadores é o cimento das vantagens do denominado "modelo norte-americano".

O estreitamento do mercado mundial, o arrefecimento do seu mercado interno, movido em parte por um grande endividamento da população, estimulada ao consumismo, e as quebras financeiras em curso compõem a situação da maior potência. No momento, está em foco a crise no Japão. De fato, é na segunda economia do mundo que as forças produtivas em choque com as relações de produção se rebelam e se transformam em quebras. Entretanto, a recessão, a instabilidade da moeda, as quebras e o desemprego em alta são expressão da economia capitalista mundial, e não do Japão isolado ou da região asiática em si.

Na soleira da desagregação do Japão estão os Estados Unidos. E será na base de comando do imperialismo que a crise se potencializará como crise mundial.

A greve da GM está expressando socialmente a profundidade da bancarrota internacional do capital. Não

é por acaso que os capitalistas estão resistentes em atender a reivindicação dos metalúrgicos. A experiência anterior mostrou aos operários a necessidade de romper o isolamento das greves por fábrica e os levou à greve unificada de quase toda a produção da GM, que já ameaça paralisar a produção até mesmo em outros países, como o Brasil. Por detrás dessa greve virão outras pelas mesmas razões. Derrotá-la é importante para que não sirva de exemplo ao conjunto do proletariado, de forma a não potencializar a luta de classes nos Estados Unidos e fora de suas fronteiras. Sem falar do enorme peso da GM na economia americana: 1,5% do PIB. Calcula-se que a greve deve impor uma redução de 0,3% no crescimento econômico do semestre.

É provável que a burocracia sindical do United Auto Workers acabará cedendo às pressões do governo, que já ameaça intervir. A greve e as manifestações de rua mostram uma grande disposição de combate, o que é um fator de contra-pressão às manobras da burocracia. Somente a radicalização dessa disposição poderá impor vitória aos objetivos da burguesia.

Merece destaque o fato de que a greve dos trabalhadores norte-americanos é contra uma proposta de reestruturação da produção que segue o modelo da GM brasileira. Os americanos se informaram sobre as consequências de tais medidas, em parte defendidas pela burocracia sindical brasileira: desemprego e corte de direitos trabalhistas. É contra essa mesma política que estão em luta.

A defesa da greve da GM é fundamental para sustentar a combatividade dos metalúrgicos. No Brasil, o Sindicato de São José dos Campos está convocando os trabalhadores da GM a saírem em greve de solidariedade e por reivindicações próprias. No vigésimo dia de greve, o sindicato está em atraso. Deverá ganhar tempo organizando o movimento sob a base de comitês e de convocação de outros sindicatos a organizar a solidariedade operária, defendendo uma plataforma comum de reivindicações.

Está previsto que os patrões da GM utilizarão da greve nos Estados Unidos para justificarem cortes em suas montadoras no Brasil e outras partes. Nossa bandeira é que os capitalistas paguem pela crise, nenhum trabalhador fora da fábrica e escala móvel da horas de trabalho.

